

Nova vida para o PSD

1. Ultrapassado o ciclo de eleições, congressos e futebóis, este é um bom momento para o PSD pensar. Na última década e meia, por força da inabilidade com que lidou com a voracidade mediática, o Partido não tem conseguido reflectir sobre o seu papel na sociedade. Por regra, repisam-se ideias, travestidas em dogmas, que têm raiz na sua fundação ou na sua regeneração (pós-85) e que, erraticamente, sobrevivem às ferozes mutações históricas.
2. Não se pretende pôr em causa os princípios estruturantes que norteiam, desde a primeira hora, o PSD. Não é disso que se trata. É de tudo o resto. É que, se reflectirmos sobre como tudo mudou nos últimos anos, da Ordem Internacional aos nossos pequenos hábitos diários, percebemos que um Partido não consegue ser o desejado “motor”, quando mal consegue andar a “reboque”...
3. É certo que este divórcio face à realidade é uma característica que ensombra os diferentes agentes políticos (formais e não formais, partidos e pensadores). Todavia, o PSD soube ser, nos momentos certos, com Sá Carneiro e com Cavaco Silva, a força locomotora das melhores dinâmicas nacionais.
4. Dois sintomas desta necessidade de redefinição podem ser enunciados. Um primeiro, endógeno, remete-nos para a dificuldade de definição do rumo do Partido em diversas políticas sectoriais, ao ponto de ser apreendido como “natural” que, quando no poder, a mera substituição de um determinado Ministro acarretaria a inversão das opções de fundo nessa área. Ora, algo está errado quando um projecto se pendura na escolha de um protagonista e não se baseia numa estratégia partilhada!
Um outro exemplo, este exógeno. A queda do mito comunista e a hoje indiscutível tese do “socialismo na gaveta” colocaram a Esquerda tradicional em evidente desorientação. Ao ponto de, nos dias que correm, a maioria parlamentar vigente nem pestanejar quando se confronta com um Programa de Governo que assenta a estratégia de desenvolvimento nacional na “capacidade de inovação das empresas”. Ainda bem...
Contudo, esta evolução esquerdista acarreta uma confusão. As alternativas assentam em quê? Deve o PSD, na Oposição, limitar-se a “desgastar” o Governo com questões acessórias e de estilo?

Ou, pelo contrário, deverá enfatizar as suas diferenças, precisamente porque será diferente na abordagem das políticas públicas necessárias ao País?

5. Este é o ponto. Aqui se advoga uma introspecção que nos leve a opções éticas que se concentrem na verdadeira razão que sustenta a intervenção política: justiça, liberdade e bem-estar, a caminho de uma sociedade mais feliz. Recusa-se um Partido que se assuma orgulhosamente do “centro” - ou querendo conquistar o mesmo - amparado num puro relativismo ético ou em oportunismos eleitorais. Pelo contrário, pleiteia-se o primado da pessoa humana, a concepção liberal das gentes e da economia e a congénita consciência social. E uma nova abordagem das questões sociais/culturais, distante (quando não inversa) das agendas mediáticas. Que despreze a manchete da manhã e se concentre no legado à próxima geração.
6. Longe de ser a questão mais relevante, recorre-se a um rudimentar exemplo concreto, pelo seu carácter premente e controverso: a discussão sobre o “aborto”.

Não beliscando o assegurado princípio da liberdade de voto (não deveria ser sempre assim?), o PSD não pode fugir a uma posição clara e inteligível sobre uma matéria socialmente tão marcante. O anúncio de uma conferência nacional, assumido pela Direcção do PSD, é um estimulante presságio que merece ter uma consequência política. Até porque falta, no presente debate público, uma posição equilibrada que promova a natalidade e não se esconda do incontornável problema social em causa.

7. Este é o grande desafio. A rejeição de um PSD amarrado a dogmas conservadores e a afirmação de um PSD reformador e liderante na sociedade. A rejeição de um PSD enclausurado à direita, e a afirmação de um Partido protagonista de um novo centro-esquerda – moderno, liberal e solidário. Este passo será decisivo, não só por esta ausência de definição trazer evidentes estorvos à acção política, mas acima de tudo, porque só assim se conseguirá mobilizar os portugueses para um eficaz projecto de futuro para Portugal. E só assim vale a pena...